

A LINGUAGEM LOBATEANA E SUA CO-RELAÇÃO COM A SOCIEDADE: RETRATO OU VOZ?

Miriã Ferreira Braga¹, Tailane da Silva Santos², Lídia Maria Nazaré Alves³, Ivete Monteiro de Azevedo⁴, Glaciene Januário Hottis Lyra⁵.

¹ Graduanda em Letras – Português/Inglês, UEMG – Carangola, mirianferreira888@gmail.com

² Graduanda em Letras – Português/Inglês, UEMG – Carangola, tailanesantos2011@hotmail.com

³ Doutora em Literatura, Universidade Federal Fluminense, lidianazare@hotmail.com

⁴ Doutora em Letras, Universidade Federal Fluminense, imazevedo62@gmail.com

⁵ Mestre, Pedagoga, Psicanalista, Psicopedagoga clínica e hospitalar, UEMG – Carangola, hottislyra@gmail.com

Resumo- Este trabalho resulta dos estudos feitos nos Projetos de Pesquisa e de Extensão: “Estudos de gênero na literatura e sua repercussão na sociedade” e “As representações da crise: interseção de fontes literárias”, respectivamente, financiados pela PAPq, em desenvolvimento neste ano de 2017, na UEMG - Unidade de Carangola. O presente artigo busca, através de teóricos como Antônio Candido (2006), Tzvetan Todorov (2010), analisar a linguagem de Monteiro Lobato em seu conto intitulado “Os negros”, sua co-relação com a sociedade da época, assim como seus efeitos sobre a sociedade atual. Burcar-se-á, nesta pesquisa, a averiguação do conto de Lobato sob as perspectivas de reprodução da vida social e canal linguístico da voz de uma sociedade prejudicadora.

Palavras-chave: Linguagem; Monteiro Lobato; Análise; Sociedade.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

Antônio Candido (2006), em seu livro “Literatura e sociedade”, afirma que a plenitude de uma obra não nos permite realizar seu estudo a partir da análise desagregada do texto e contexto. Nada obstante, faz-se necessário o estudo fundido desses dois aspectos para o surgimento de uma interpretação íntegra e dialética. É fundamental que o exame das informações extra-textuais seja norteado pela ideia de que, hora ou outra, a estrutura do escrito torna-se parcialmente independente para expressar alguma ideia e, em seguida, une-se novamente ao contexto para que as intenções linguísticas do autor sejam alcançadas com êxito. É relevante também a concepção de que as informações externas (sociais) desempenham papel tão importante na estrutura textual que devem ser vistas não somente como causa ou significado desta, mas como um fator tão notável que se transforma de externo à interno.

Embasado por essas concepções, o atual trabalho busca compreender as intenções linguísticas do autor Monteiro Lobato no conto “Os negros”, levando em consideração para análise dos efeitos linguísticos da estrutura textual não só a sociedade vigente da época, mas também a voz do autor embutida em personagens e fatos.

Tzvetan Todorov (2010), autor da obra “A Literatura em Perigo” discute, em seu livro, a importância da literatura para a sociedade, em relação ao que ela pode oferecer à comunidade, influenciando-a. Segundo o escritor, os livros não são capazes de instaurar os preconceitos na sociedade, uma vez que as mídias sociais já são responsáveis por tal ato. As estruturas textuais, apropriadas pelos indivíduos, são capazes de ajudá-los a abandonar as falsas evidências.

O autor afirma, ainda, que não é ofício das obras literárias formularem uma série de preceitos, esgueirando-se das análises fundamentadas nas teses que foram traçadas em seu sentido denotativo. Não obstante, as máximas desagradáveis são mais propícias de adquirirem voz e serem ouvidas em obras literárias do que em obras de cunho filosófico ou científico.

Partindo desse pressuposto, o estudo aqui apresentado justifica-se pela influência da literatura Lobatiana na sociedade atual, pois se, segundo Todorov (2010), os princípios desagradáveis são mais favoráveis de propagação por meio de obras literárias, os textos escritos por Lobato podem

influenciar nos preceitos estabelecidos pelos leitores? Até que ponto a escrita retrata uma sociedade? A partir de que momento a escrita deixa de retratar o contexto e passa a difundir ideias do autor? Para a obtenção das respostas de tais perguntas, as hipóteses serão levantadas à luz dos escritores supracitados.

2 A LITERATURA E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Antonio Candido (2006) afirma em seu livro “Literatura e sociedade” que a literatura é um conjunto intenso de obras que estão em constante atuação sobre os leitores e sobre si mesmas. Dessa forma, este sistema só mantém-se vivo à medida que os leitores o decifram, o aceitam e o transformam. Segundo ele, a obra não deve ser analisada como algo fixo, inerte perante o público e este, por sua vez, também não deve ser encarado como fator homogêneo e passível perante a obra e seus efeitos. Estes dois termos atuam um sobre o outro e recebem a mediação do autor, agente fundamental para o bom desempenho da circulação literária. Mas, como seriam estabelecidas estas relações entre obra/sociedade e autor?

Candido (2006) parte do pressuposto de que a obra deve ser encarada, inicialmente, com referência à posição social do autor e à formação do público. Segundo ele, a literatura é um discurso social e a posição dos escritores alterou-se ao longo do tempo:

Se a obra trabalha como mediadora entre o autor e o público, o autor também desempenha o papel de mediador entre a obra e os leitores.

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta que é definição dele próprio (CANDIDO, 2006, p. 85).

A partir dessa concepção, pode-se afirmar que a revelação da obra é também a revelação do autor. Candido (2006) afirma que escrever é proporcionar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos. A literatura pode ser entendida, então, como um conjunto de fatos associados dentro de um determinado contexto, que resultam em obras capazes de representar certas relações dos homens entre si. Toda obra se caracteriza como pessoal à medida que surge do esforço de um pensamento para tornar e caracterizar-se como uma expressão. Não obstante, apresenta-se como coletiva, uma vez que depende da comunhão de meios de expressão específicos adjuntos da mobilização de afinidades profundas entre homens de um determinado tempo e lugar para chegarem a uma comunicação.

Sendo assim, é impossível a análise de um texto desagregado do contexto em que este é elaborado. Faz-se necessário o estudo conjunto destes dois fatores, estudo este que deve ser orientado pela ideia de que, vez ou outra, o escrito poderá tornar-se independente do contexto para expor uma opinião ou ponto de vista do autor. Em suma, a literatura possui estreita relação com a sociedade, seja na época em que foi escrita, seja depois de sua publicação quando é lida pelos indivíduos. A obra literária possui como função para além de retratar determinados aspectos de uma sociedade, difundir e expressar determinadas concepções.

Em seu livro “Literatura em Perigo”, Tzvetan Todorov (2010) expõe que a literatura é capaz de auxiliar as pessoas quando estão deprimidas, tornando-as mais próximas dos seus semelhantes, além de as ajudar na difícil compreensão do mundo. Não que ela seja, necessariamente, um remédio para a alma; porém, é capaz de nos transformar a partir de dentro. Tomando por base essa afirmação é possível chegar ao seguinte questionamento: se a literatura é capaz de aproximar os indivíduos dos seus semelhantes, por que não seria capaz de os afastar? A compreensão de mundo oferecida pela literatura pode, ou não, manifestar-se como sendo boa e construtiva.

Todorov (2010) ressalta, ainda, que a literatura manifesta-se como pensamento e conhecimento psíquico do mundo em que vivemos. Então, além de influenciar a partir de dentro, é capaz de representar a sociedade humana.

2.1 A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Tzvetan Todorov (2010) declara que ao dar vida a certo objeto, acontecimento ou caráter, o autor, apesar de não impor uma tese, insinua seu leitor a formulá-la. Ao invés de uma imposição, o

autor faz uso de uma pressuposição, deixando assim o seu leitor “livre”, mas, ao mesmo tempo, o instiga a levantar determinado posicionamento.

Fazendo uso evocativo de palavras, dos recursos das histórias e linguísticos, a obra literária torna-se capaz de mexer com aparelho de interpretação simbólica do indivíduo, despertando nele a capacidade de relações e uma série de ondas provocadas por um movimento que perpetua-se por um numeroso período de tempo após o contato inicial.

Sendo assim, pode-se afirmar que a literatura é um instrumento capaz de influenciar a formação do sujeito. O autor, lançando mão dos recursos linguísticos que lhe são oferecidos, pode levar o leitor a inferir determinada ideia ou concepção. Entretanto, nem sempre, essas concepções podem ser plausíveis. Um autor que expresse em suas obras, seja em conjunto com o retrato da sua sociedade vigente ou não, ideais machistas, racistas ou provenientes de qualquer vertente preconceituosa, é capaz de introduzir tais concepções no subconsciente do leitor.

Por este motivo, Rousseaul (2006) chegou a dizer que o melhor seria que os jovens mantivessem-se distantes dos livros a fim de que não se influenciassem pelas opiniões de outrém. Nada obstante, Todorov afirma o contrário, pois diz que a mídia atual (televisão) já se encarrega de influenciar tais jovens, e, ao contrário do que pensa Rousseaul (2006), ele enxerga a literatura como um instrumento capaz de libertar o espírito dessas pessoas ajudando-as a deixar falsas evidências propagadas pela imprensa midiática. Ressalta, ainda, que a literatura possui um papel fundamental no que tange à quebra de alguns preceitos, pois, diferente dos discursos políticos ou religiosos, as obras literárias não possuem como ideal estabelecer um conjunto de regras, o que possibilita seu escape às censuras exercidas sobre as teses construídas de maneira literal. As chamadas verdades desagradáveis, tanto para o gênero humano, quanto para nós mesmos, possuem mais chances de ganhar voz e serem ouvidas em um canal literário do que filosófico ou científico.

Para tanto, faz-se necessário o trabalho correto com as obras corretas. Normalmente, os jovens, em sua grande maioria, tiveram seu primeiro contato com a literatura por meio da escola. Fica incubido então, ao professor, a árdua missão de mediar o encontro dos estudantes com a boa literatura. Porém, muitas vezes, o educador se depara com situações complicadas, como é o caso das obras do renomado autor Monteiro Lobato, visto como pai da literatura infantil. São muitos os pesquisadores que acusam- o de veicular preconceito racial em suas obras. Sendo assim, como o professor trabalhará tais escritos que já fazem parte da vida dos alunos? Como analisar tais obras? A fim de levantar hipóteses para solucionar tais questionamentos, serão feitas a análise histórica e teórica da vida de Monteiro Lobato, assim como de seu conto “Os negros” encontrado no livro “Negrinha”.

2.2 MONTEIRO LOBATO: VIDA E OBRA

José Renato Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, em São Paulo. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato, foi alfabetizado pela mãe e logo cedo despertou interesse pela leitura, tendo seu primeiro contato com os livros através da biblioteca de seu avô, o Visconde de Tremembé. Abre-se aqui um parêntese para a análise familiar: naquela época, apenas as pessoas com grande prestígio social possuíam o domínio da linguagem escrita, esta regra intensificava-se mais quando aplicada às mulheres. O avô de Lobato, Visconde de Tremembé, era um reconhecido fazendeiro dono de muitos escravos. Conclui-se, assim, que Monteiro era oriundo de uma família pertencente à elite da época.

Registrado como José Renato Monteiro Lobato, o escritor resolveu mudar seu nome para José Bento Monteiro Lobato, tudo porque possuía o desejo de utilizar uma bengala que fora de seu pai, que havia falecido no dia 13 de junho de 1898. O artefato possuía as iniciais J.B.M.L gravadas no topo do castão. Por este motivo, Monteiro Lobato alterou seu nome para que tivesse as mesmas iniciais de seu pai.

O escritor estudou na Faculdade de Direito do Largo de São Paulo e graduou-se no ano de 1904. Estudos indicam que seu discurso de formatura foi tão agressivo que levou professores e padres a se retirarem do evento. Neste mesmo ano, Lobato voltou para Taubaté e prestou concurso para Promotoria Pública, assumindo o cargo na cidade de Areias, no Vale do Parnaíba no ano de 1907.

Monteiro Lobato casou-se com Maria Pureza da Natividade, em 28 de março de 1908, e com ela teve quatro filhos. Ao mesmo tempo que exercia a profissão de promotor, Lobato escrevia para jornais e revistas, além de produzir desenhos e caricaturas. No dia 12 de novembro de 1914, surge uma das primeiras polêmicas da vida do autor: a publicação de sua carta “Uma Velha Praga” enviada à redação do jornal O Estado de São Paulo. Nessa carta, Monteiro destaca a “ignorância” do caboclo brasileiro. Vejamos um trecho do escrito:

A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o “Argas” o é aos galinheiros ou o “Sarcoptes mutans” à perna das aves domésticas. Poderíamos, analogicamente, classificá-lo entre as variedades do “Porrigio decalvans”, o parasita do couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que onde ele assiste¹ se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalsada. Em quatro anos, a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias – seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar desta à humildade da vassourinha e, descendo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro – sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau² e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se (LOBATO, 1912).

É lamentável o teor preconceituoso de tais palavras; entretanto, faz-se necessária uma análise de texto e contexto para um estudo mais concreto. Porém, se retomarmos à ideia de Candido (2006), em que o autor afirma que o escritor, ao produzir sua obra é capaz de, através dela, expressar um ponto de vista seu, faz-se possível inferir que Monteiro Lobato expressou uma visão preconceituosa do caboclo brasileiro. Vale salientar, também, que este escrito à primeira impressão tinha cunho informativo, pois, como já foi dito antes, tratava-se de uma carta enviada a um renomado jornal da época. Mais tarde, Lobato publica o artigo “Urupês”, em que, pela primeira vez, aparece o famoso personagem “Jeca Tatu”.

Monteiro vendeu sua fazenda em 1917 e foi morar em Caçapava, onde fundou a revista “Paraíba”. De volta à São Paulo, empolgou-se com a revista “Revista do Brasil”, comprou-a e transformou-se em editor da mesma. No dia 20 de dezembro de 1917, Lobato publica novamente no jornal O Estado de São Paulo um artigo intitulado “Paranóia ou Mistificação” em que critica a exposição de Anita Mafalti, tornando-se foco de outra polêmica. Em 1918, seu primeiro livro “Urupês” obtem sucesso absoluto. Transformou a revista em centro de cultura e a editora numa rede de distribuição com mais de mil representantes.

Lobato fundou a “Companhia Gráfica – Editora Monteiro Lobato” em sociedade com um colega. Tal companhia vai à falência. Os amigos decidem vender tudo e fundar a “Companhia Editora Nacional”. Em 1921, já no Rio de Janeiro, Lobato publicou a famosa obra “Narizinho Arrebitado”, livro de leitura para as escolas. Devido ao enorme sucesso do escrito, o autor ampliou as aventuras de seu personagem girando todos em torno do “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Na área literária, Monteiro destacou-se no gênero conto. As histórias do “Sítio do Pica-pau Amarelo”, e seus habitantes, Emília, Dona Benta, Pedrinho, Tia Anastácia, Narizinho, Rabicó e tantos outros, misturam a realidade e a fantasia usando uma linguagem coloquial e acessível, tornando a obra uma febre nacional.

O livro “Caçadas de Pedrinho”, publicado por Lobato, em 1933, fez parte do Programa Nacional Biblioteca na Escola, do Ministério da Educação. Nada obstante, tal livro tem sido alvo de investigações por parte do movimento negro, por, supostamente, apresentar “ideais racistas”. O escrito trata de uma caçada a uma onça que estaria rondando o Sítio do Pica-pau Amarelo e, em determinado momento do enredo, Emília pronuncia a seguinte frase: “É guerra e das boas, não vai escapar ninguém, nem tia Anastácia, que tem carne preta” (LOBATO, 1933,p. 13).

José Renato Monteiro Lobato morreu no dia 5 de julho de 1948, vítima de problemas cardíacos.

2.3 ANÁLISE DO CONTO “OS NEGROS” SOB AS PERSPECTIVAS ESTUDADAS

Para uma análise da linguagem Lobateana sob a sociedade, é preciso explorar a época vivida pelo dono dela. Este autor nasceu em 1882, época em que o Brasil se livrava do período da escravidão, e era membro da Sociedade Eugênica de São Paulo. Em uma carta destinada ao médico Arthur Neiva, Lobato diz:

¹ Reside; está estabelecida.

² Espingarda de carregar pela boca.

País de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é país perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa frase as duas atitudes. 'Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brasil'. Um dia se fará justiça ao Klux Klan (...) que mantém o negro no seu lugar (LOBATO, 1928).

Sabendo-se disso, vale ressaltar que o conto “Os Negros” da obra intitulada “Negrinha”, analisada neste artigo, foi escrito em 1920, período em que foi instaurada a crise econômica e política do sistema oligárquico (República Velha), e o conto em questão aborda a trágica história de amor entre Isabel, filha do capitão Aleixo e Fernão, funcionário português do capitão. A trama da história de amor acontece a partir do instante em que Jonas é possuído pelo espírito de Fernão, ficando somente em sua memória todo o ocorrido, assim que ele retorna de seu transe. Até o momento, há duas personagens, Jonas e seu amigo, o narrador, que estão a fazer uma viagem a cavalo pelo interior, até que recebem pouso de Adão, um negro ex-escravo.

O autor, no decorrer da obra, faz uso de alguns estereótipos referentes aos negros que, naquela época, a sociedade defendia. Preconcepções estas em que o negro é visto como alguém que deve se submeter ao branco, com alegria, como também um indivíduo desprovido de família, bens privativos, equiparado-se aos bichos, conforme se vê nas citações abaixo:

[...]

- Pai Adão, viva!

- Vassuncristo! – respondeu o preto.

Era dos legítimos...

Pra sempre! – gritei eu. – Estamos aqui trancados pela chuva e impedidos de prosseguir viagem. Tio Adão há de...

- Tio Bento, pra servir os bancos.

- Tio Bento há de arranjar-nos pouso por esta noite.

- E bóia – acrescentou Jonas - , visto que temos a caixa das empadas a tinir.

O excelente negro sorriu-se, com a gengiva inteira à mostra, e disse:

- Pois é apeá. Casa de pobre, mas de bom coração. Quanto “de comer”, comidinha de negro velho, já sabe.

[...]

“Amor? Respondeu a arguta mucama em quem o instinto substituíra a cultura.

[...]

Bobagens, muxoxou a mucama, trepando à pitangueira com agilidade de macaco [...] (LOBATO, 1920, p. 59, 67,70).

Outro aspecto relativizante à sociedade daquela época era atribuir ao negro a dignidade de receber castigos, tornando-os indefesos, aspecto que Lobato explorou com veemência, como visto no trecho a seguir:

[...]

-Era mau, meu branco, como deve ser mau o canhoto. Judiava da gente à toa pelo gosto de judiar

[...]

Ninguém, entretanto, estranhava aquilo. Os pretos sofriam como predestinados à dor. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam os pretos.

O sentimento de revolta não latejava em ninguém [...]” (LOBATO, 1920, p. 62, 72).

Quando analisados sob as perspectivas estudadas, é cabível atribuir o tratamento rude e hostil aos negros, contido na obra de Monteiro Lobato, ao conjunto obra/autor. Não é possível analisar tais escritos sem levar em consideração a época em que a história é narrada e a sociedade que é representada pelo escritor. Entretanto, se valermos da concepção de Candido (2006), de que, hora ou outra, a obra torna-se independente do contexto que a rodeia para expressar determinado posicionamento de seu autor, é possível atribuir cunho racista e preconceituoso aos textos lobateanos. Cabe, ao professor, a missão de saber trabalhar com tais escritos, uma vez que já foram consagrados pela literatura infanto-juvenil brasileira. Certas metodologias e posicionamentos devem ser tomados mediante textos desta natureza, pois a fama não deve ser suporte para a disseminação de ódio e ideis preconceituosos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado possuiu como intuito o estudo, através de teóricos renomados, da linguagem lobateana e sua relação com a sociedade atual. Procurou-se compreender e analisar a sociedade vigente na época em que o escritor produziu determinadas obras para levantar hipótese sobre o seguinte questionamento: “até que ponto Monteiro Lobato reproduziu a sociedade da época em seus textos, e a partir de que ponto o escritor deixou de lado o contexto sócio-cultural para introduzir um ponto de vista seu?”.

Em conclusão pode-se chegar à ideia de que é impossível conceber os escritos de Monteiro Lobato de forma isolada. Faz-se necessária a análise fundida do conjunto obra/autor para que sejam levantadas hipóteses racionais e concretas. Vale ressaltar que o estudo abordado não encerra-se aqui, nada obstante, procura-se, com este artigo, contribuir para análises e questionamentos futuros.

4 REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

DIAS, Maurício. **Monteiro Lobato, racista empedernido**. In: *Carta Capital* (Edição de 17/5/2013). Disponível in : <http://www.cartacapital.com.br/revista/749/monteiro-lobato-racista-empedernido>.> Acesso em 18/05/2017.

LOBATO, Monteiro. **Velha Praga**. In: O Estado de S. Paulo. (Edição de 11/11/1914). Disponível em <http://queimadas.cptec.inpe.br/~rqueimadas/material3os/mlobato.htm>> Acesso em 18/05/2017.

LOBATO, Monteiro. **Os Negros**. 1920. Disponível in: <http://metavest.com.br/livros/negrinha-Monteiro-Lobato.pdf>. > Acesso em 18/05/2017.

LOBATO, Monteiro. **As Caçadas de Pedrinho**. Vol. III, 1933. Disponível in: http://www.miniweb.com.br/Cantinho/Infantil/38/Estorias_miniweb/lobato/Vol3_Cacadas-de_Pedrinho.pdf> Acesso em 18/05/2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social**. -Tradução de Ricardo Rodrigues da Gama-. 1ª ed. São Paulo: Russel, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. -Tradução Caio Meira-. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/> Acesso: 23/05/2017

<http://neudianaeteamo.blogspot.com.br/p/velha-praga.html> > Acesso : 18/05/2017